

MARCUS BRANCAGLIONE

184 RAZÕES

PARA TER FÉ EM DEUS

Porque Deus não é Senhor, é Liberdade



© 2014 Marcus Brancaglione.
Este trabalho e todo seu conteúdo está
licenciado sob a **Licença** **ⒶRobinRight**.
Para ver uma cópia desta licença,
visite <http://robinright.org/licenca-1/>

Autor: Marcus Brancaglione

Revisão e organização: Bruna Augusto

Revisão: Pedro Theodoro dos Santos

Capa: Julia Cristofi

Brancaglione, Marcus.

186 Razões para ter fé em Deus. Ou porque Deus não é senhor, é Liberdade. São Paulo. Clube de autores, 2014.

168 p.

Assuntos: 1. Liberdade. 2. Fé.

Fragmentos extraídos dos escritos que fundamentam a Igreja Libertária Sagrada Liberdade e organizados por parágrafos temáticos que permitem ao leitor encontrar cada pensamento libertário de acordo com o conceito específico correspondente que compõe essa teosofia da libertação.

Sumário

A Liberdade é Sagrada – Revelações	18
1. Coragem espiritual	18
2. Fé Consciente	18
3. Desintegração Racional	19
4. Campos do Saber	20
5. Falso Ateísmo	20
6. Lucidez	21
7. Tudo e Nada	22
8. Sabedoria da Ignorância	22
9. Ilusão da percepção	23
10. Mediocridade	23
11. Infantilidade	24
12. Compreensão	24
13. Prepotência	25
14. Distopia	25

15.	Abstrações Mentais	26
16.	Racionalizações Materialistas	26
17.	Predeterminismo	27
18.	Ditadura da percepção	27
19.	Barreira ao Conhecimento	28
20.	Extinção da auto-organização	29
21.	Código da Vida	29
22.	Princípios Imateriais	30
23.	Tempo	30
24.	Revoluções	31
25.	Recriminação da Liberdade	31
26.	Espíritos	32
27.	Materialização	33
28.	Autoindeterminação	33
29.	Ordem	33
30.	Ordem multiversal	34
31.	Forças de Vontade Visíveis	35

32.	Mundo e Destino	35
33.	Corpo e Alma	36
34.	Multiversidade	36
35.	Consciência Metafísica	37
36.	Causas e Consequências	38
37.	Forças Fundamentais	38
38.	Limites do Saber Empírico	39
39.	Reflexão	39
40.	Fé no Questionamento	40
41.	Nascimento da Fé	41
42.	Visão de Deus	41
43.	Força de Vontade transcendentais	42
44.	Existência	43
45.	Comunhão material dos espíritos	43
46.	Rede Existencial	44
47.	Eternidade e Inalienabilidade das Almas	44

48.	O espírito criador	45
49.	O Criador	46
50.	O Principio Transcendental	47
51.	Deus como revelação	47
52.	Deus é a Liberdade	48
53.	Vontade Libertadora	48
54.	Governo dos Conscientes	49
55.	Evolução	50
56.	Sentidos da Vida	51
57.	Deus	51
58.	Criação	52
59.	Prisão da Mente	53
60.	Preconceitos	54
61.	Liberdade de Significação	54
62.	Propriocepção Libertária	55
63.	Conjuntos e Elementos	56
64.	Libertação	56

65.	Religiões Libertárias	57
66.	Negacionismo Espiritual	58
67.	Racionalismo	58
68.	Reduccionismo	59
69.	Razão como Poder	59
70.	Representantes do Real	60
71.	Doutores da Lei	60
72.	Ciência	61
73.	Nova Ordem	61
74.	Ordem Libertária	62
75.	Campos de Formação	63
76.	Supremacismo	64
77.	Imagens, Ídolos e Representações	64
78.	Caminho do mal	65
79.	Existo logo penso	66
80.	Idolatria ao Poder	66
81.	Anti-igrejas	67

82.	Racionalizações Inconscientes	67
83.	Derrubar fronteiras	68
84.	Verdades	69
85.	Autenticidade e Coerência	69
86.	Nexo	70
87.	Livre Vontade	71
88.	Permanente Renovação	71
89.	Fronteiras da Preconcepção	72
90.	Sacrificar-se	73
91.	Morte	74
92.	Limite da Materialidade	74
93.	Forma e movimento	75
94.	Movimento e Matéria	76
95.	Coexistência e Co-significação	76
96.	Causas e consequências	77
97.	Passado	78
98.	Deus	78

99.	Outras vidas	79
100.	Tempos e espaços	79
101.	Inércia	80
102.	Ordem Transcendental	81
103.	Nascimento	81
104.	Multiversidade	82
105.	Criação	82
106.	Portas da Criação	83
107.	Nexo dos Nexos	83
108.	Atos	84
109.	Eternidade	85
110.	Onipotência criativa	85
111.	Morte	86
112.	Outras Vidas	87
113.	Outros mundos possíveis	87
114.	Fé	88
115.	Deus	88

116.	Senhores das Guerras e das Terras	88
117.	Onipresença	89
118.	Existência: Eterna (re)Criação	89
119.	Força Criadora	90
120.	Reconhecendo o Incognoscível	90
121.	Fé na Livre vontade	91
122.	Diversidade	91
123.	Todo Poderoso	92
124.	Apartheids	92
125.	a besta	93
126.	Demônios	93
127.	Estatização da Vida	94
128.	Pessoas Jurídicas	95
129.	Egrégoras	95
130.	O sistema	96
131.	Poder supremo	97
132.	Inconsciência Coletiva	98

133.	Programação Humana	98
134.	Cultura da Discórdia	99
135.	Poder	99
136.	Dono do Poder	100
137.	Censura da Vida	101
138.	Espetáculo da Desnaturação	102
139.	Mumificação da Vida	103
140.	Máscaras	103
141.	Inversão de Papéis	104
142.	Apocalipse	104
143.	Humanidade	105
144.	Cosmopolitas	105
145.	Desobediência Civil	106
146.	O messias	106
147.	Paz na Terra	107
148.	Justiça	107
149.	Caminho da Liberdade	108

150.	Comunhão	109
151.	Multiplicando Liberdades	109
152.	Comunidade	110
153.	Domínios	110
154.	Anticoncepção	111
155.	Canais Controlados	112
156.	Sinapses Previsíveis	112
157.	Ócio Criativo	113
158.	Vocação	113
159.	Escravidão por necessidade	114
160.	Hipocrisia	115
161.	Dinheiro	116
162.	Marcas Imperiais	116
163.	Direitos Sagrados	117
164.	A chave da Liberdade	118
165.	Libertação	118
166.	Consciência	119

167.	Liberdade Espiritual	119
168.	Primeiro Passo	120
169.	Revelação	121
170.	Perseverança	121
171.	Fé criativa	122
172.	Vida	123
173.	Autoconhecimento	124
174.	Ser	124
175.	Fé racional	125
176.	Verdades libertárias	126
177.	Inspiração	127
178.	Ser livre	127
179.	Povos Apartados	128
180.	Servindo a Discórdia	128
181.	O fim dos apartheids	129
182.	Paixão Libertária	129
183.	Todos Poderosos	130

184.	A Liber da Criação	130
185.	Deus, Sagrada Liberdade	131
186.	Sagrada Trindade	131
	<i>Renda Básica Libertária</i>	<i>132</i>
	Bibliografia	167

A Liberdade é Sagrada – Revelações

1. Coragem espiritual

É preciso fé e coragem para sair dos campos de concentração da preconceção e adentrar no plano da consciência de olhos abertos; para olhar o mundo como as lentes da razão e conhecer a origem das concepções.

2. Fé Consciente

Não é fácil entregar-se a fé de olhos abertos. Depois que os donos da ciência e religião dividiram o mundo em seus domínios e levantaram um muro separando e policiando as passagens para que as pessoas não cruzassem as fronteiras do pensamento,

ninguém mais pode caminhar livremente pelos territórios daqueles que se julgam os donos do conhecimento e da verdade sobre este ou o outro mundo.

3. Desintegração Racional

Não é o diabo que divide para conquistar, é o homem que desagrega aparta segrega discrimina e classifica e hierarquiza todos os seres inclusive os humanos para fixar a supremacia dos seus domínios na terra e no pensamento. Tão pesadas quanto são as correntes da segregação e das classes é longo o caminho para cruzar os territórios o deserto que separa os territórios do pensamento. A fé e a razão.

4. Campos do Saber

Pior do que o domínio sobre a terra ou sobre os homens e as ideias. São os domínios e monopólios sobre os campos do pensamento e a sua segregação que segrega os homens não apenas uns dos outros, mas dele mesmo. Desintegrado, dividido. O homem Apartado dele mesmo é um homem privado de encontrar livremente um sentido próprio para uma vida em comum. Prisioneiro de uma mente apartada e vigiada pelos muros dos campos de concentração do pensamento onde é apenas literalmente mais um, um número de registro contábil no sistema de controle.

5. Falso Ateísmo

Mais cego e fanático quanto um crente obediente que crê no mito do deus todo

poderoso que cobra dízimos e tem poderes absolutos para decidir sobre a vida e os destinos dos fieis, é o ateu que serve sem se questionar o mesmo mito que tomou corpo na forma de poder total demandando tributos e a autoridade de governar a vida de pessoas dotadas de livre arbítrio. Dos falsos deuses criado pelo homem pelos quais se sacrificaram vidas humanas em trabalhos forçados e guerra, nenhum monopólio da violência jamais superou a besta encarnada do poder totalitário como o Estado.

6. Lucidez

Fé é a libertação pela luz da consciência. É a consciência de que o mundo conhecido é antes de tudo a libertação da lucidez.

7. Tudo e Nada

Assim como o conjunto de todas as coisas não é tudo, a negação de tudo não é o nada. A visão do todo como tudo aquilo que existe e não existe, a concepção do conhecimento como a separação do possível e do impossível são rigorosamente abstrações mentais.

8. Sabedoria da Ignorância

O conhecimento é composto não apenas daquilo que se afirma e se nega, mas antes de tudo daquilo que se ignora. A abstração é a base de toda percepção, e a realidade concebida se torna uma ilusão se pensada como idêntica a existência.

9. Ilusão da percepção

A percepção é o arcabouço da própria concepção se tomada pelo real absoluto. E o entendimento que supõe poder encerrar toda existência em sua compreensão, se fecha para a diversidade e se desintegra, reduzido a preconcepção prepotente da materialidade como o único tempo e espaço da realidade.

10. Mediocridade

A concepção da realidade como a abstração material é uma ilusão que leva a alienação. A redução da existência ao estado real não apenas ignora os fenômenos transcendentais, mas nega qualquer possibilidade de transcendência dos lugares comuns.

11. Infantilidade

A realidade materialista é a ilusão do ego que toma os limites da sua própria compreensão não só como totalidade do conhecimento, mas como ordem universal. É o ato de incompreensão que atribui irreabilidade ao invisível, aleatoriedade ao indeterminado, e impossibilidade para qualquer mundo além do predeterminado.

12. Compreensão

O entendimento não é afã de apropriação dos fenômenos como objetos por um sujeito. Não é o domínio sobre seres reduzidos a preconcepção materialista da realidade, mas compreensão conexa da coexistência.

13. Prepotência

O materialismo-realista é mais do que a prepotência da preconceção é a própria inconsciência tomada por conhecimento. É a impostura alienista como estado real e o banimento da liberdade de concepção à utopia.

14. Distopia

A representação do real não é apenas a paralização das evoluções para a delimitação das fronteiras da percepção normal, é a anulação das forças geradoras de mudança para a projeção do absoluto como realidade. É a distopia tomada como a imagem do mundo pela negação da autosignificação das formas de existência.

15. Abstrações Mentais

A representação do real é incapaz de apontar para o universo sem perdê-lo, de nominar complexos dinâmicos sem decair em nulidades. Vácuo, acaso, aleatoriedade, coincidências são nomes que rigorosamente não assinalam coisa nenhuma, apontam não para o vazio das coisas, mas sim para a própria insignificância dos signos- espelhos da incapacidade reducionista em dar sentido às coisas como abstrações.

16. Racionalizações Materialistas

O materialismo tenta sustentar sua redundância prepotente preenchendo o vácuo da ignorância da indeterminação, da insignificância da aleatoriedade, e negação da livre e espontânea autoderminação existencial com o vazio da própria falta de

nexo projetando a falta de sentido da sua desinteligência à própria existência. O materialismo realista é a racionalização da própria falta de razão.

17. Predeterminismo

Todo sistema predeterminista é a visão da superficialidade, a previsão do ordinário, a reprodução do mesmo. Não importa se o aparente esteja predeterminado pela ideia de ordem ou caos, de autonomia ou universalidade, o aparente não contém o nexo da ordem emergente e a sua afirmação total é tanto a negação do novo quanto a incompreensão da concepção.

18. Ditadura da percepção

Se o fenômeno da autonomia e livre vontade estivesse fechado a materialidade não seria

espontâneo e indeterminado, mas no máximo incerto e imprevisível. O predeterminismo ao negar as concepções que não seguem a ordem atual ignora os princípios que vão além da ditadura da percepção preconcebida como realidade;(...)

19. Barreira ao Conhecimento

(...)[O predeterminismo] ao negar a livre vontade manifesta como fenômeno espontâneo e instantâneo perde o sentido da existência independente que não se encontra na representação superficial da materialidade circunstancial; e como horizonte de eventos se fecha e se perde completamente do princípio gerador das causas e consequências da complexidade criativa percebida meramente como dissimetria e entropia.

20. Extinção da auto-organização

[Até mesmo] A auto-organização decai em predeterminismo quando se fecha na materialidade porque ao renegar os princípios transcendentais é obrigada a apelar a redução do fenômeno da indeterminação evolutiva a mera coincidência para tentar dar nexos a uma ideia de existência sem nenhum sentido e que surge daquilo que não entende de outra forma senão como absolutamente nada

21. Código da Vida

O código da vida e liberdade, da evolução e revolução, não está contido nos corpos materiais, nem em suas relações, o código se manifesta no plano material e o transcende; não é qualidade, mas origem.

22. Princípios Imateriais

Nenhuma estrutura mesmo autônoma pode conter seus próprios princípios porque os princípios não são objetos de apropriação, mas de abstração; não são propriedades, mas movimento constituinte do espaço e tempo para a materialização.

23. Tempo

O que está dado nunca é a totalidade, nem a definitude das formas de existência, porque o princípio não está no passado, nem o sentido vai em direção apenas do futuro. Não são os eventos passados nem a projeção do futuro que dão forma a atualidade, mas a interação atemporal das forças libertárias manifestas nos atos difusores de novos tempos e espaços. Realidades tão múltiplas, diversas quanto a

autodeterminação das forças próprias que dão forma autônoma as existências.

24. Revoluções

Todo fenômeno libertário que não pode ser abstraído e reduzido a atualidade vista como estado real e absoluto é simplesmente irreconhecido e seu princípio renegado. A autodeterminação instantânea e a organização espontânea que não advém nem está completamente submetida a ordem preestabelecida, mas que nela interfere com sua alteralidade será sempre renegada pelos sistemas de domínio sobre o tempo e o espaço alheio(...)

25. Recriminação da Liberdade

Os monopólios abominam tanto a razão que não pode ser encadeada em raciocínios,

quanto o livre pensamento que não pode ser encerrado em racionalizações. Recriminam tanto o livre pensamento que não pode desinteligir quanto renega os espíritos libertários que não pode alienar.

26. Espíritos

Há percepções que são meramente a projeções inteligíveis da vontade, mas a vontades cuja projeção se faz tangível independente das outras vontades intelectivas. Corpos naturais que não são produto da materialidade ou do plano da percepção, mas forças fundamentais imanentes a percepção não como a matéria que geram, mas como sua anima e movimento. Entes e fenômeno dotado de força própria não redundante as causas materiais.

27. Materialização

A materialidade é apenas a parte perceptível do logos, do nexos que dá principio e sentido a concepção não como abstração da mente, mas como principio existencial da criação.

28. Autoindeterminação

As forças fundamentais do universo não são apenas auto-organizadas, mas altamente criativas, libertárias e espontâneas- e isso as torna não apenas imprevisíveis, ou indeterminadas, mas autoindeterminadas.

29. Ordem

Ordem não é redução do complexo. Organização não é previsibilidade. E a emergência do novo a própria afirmação da ordem criadora e libertaria da existência. A ordem que forma a diversidade do universo

e dos multiversos não é apenas auto-organizada é reiteradamente criativa e permanentemente criadora. A manifestação espontânea da liberdade em comunhão. Ordem criadora que não tende a permanecer na mesma forma, mas a compor autônoma e quanticamente as infinitas formas de existência a partir do princípio criador, a vontade pura e transcendental.

30. Ordem multiversal

A ordem não é aquilo que se repete, a ordem é o complexo integrado dos nexos difusos. A ordem não está nas estruturas, mas no sistema formado pela rede dinâmicas de conexões entre entes e fenômenos dotados de forças com princípio e sentido próprio e compartilhado não apenas no mesmo espaço-tempo das

coexistências, mas além; não apenas em universos paralelos, mas no plano metafísico de toda materialidade.

31. Forças de Vontade Visíveis

A liberdade e a livre vontade não são [só]um fenômeno material, mas forças fundamentais intangíveis que não se extinguem com o corpo, mas constituem os corpos do mundo como a própria encarnação da anima libertária.

32. Mundo e Destino

Não devemos confundir o complexo dos destinos realizados, com o destino de nenhuma existência conexa a rede do mundo. As forças passadas e atuais não são determinantes do destino das vindouras, são as relações componentes do tempo e o

espaço da rede de livres vontades que compõe o mundo material.

33. Corpo e Alma

Livres vontades existem independentemente da matéria, mas enquanto matéria são o produto das suas interações. E se a livre vontade depende da rede do mundo para se realizar é exatamente por esta mesma razão que o mundo dependente das relações entre as forças de vontade libertárias para se tornar real.

34. Multiversidade

(...)assim como o mundo participa da formação de cada existência é também constituído por cada forma de existência capaz de altera-lo e compor novos mundos a

partir dele. O mundo físico é apenas uma parte atual do metafísico, o universo é apenas uma das versões da livre vontade, e haverão tantas quantas forem criadas.

35. Consciência Metafísica

A matéria incognoscível não é apenas desconhecida, mas impossível de ser conhecida ou percebida sem ser reduzida a um preconceção de coisa existente ou inexistente dentro de uma determinada compreensão. A matéria incognoscível pertence a metafísica que não é um campo da fé, mas da consciência que o mundo físico não é meramente a projeção mental da realidade construída a partir da preconceções perceptivas.

36. Causas e Consequências

Assim como a concepção não pode construir ou destruir o mundo, mas só ignorar e abstrair ideias também não pode determinar que aquilo que é incapaz de perceber seja uma ficção, principalmente quando as consequências do imperceptível atuam no mundo físico como forças fundamentais.

37. Forças Fundamentais

A livre vontade sem ação ou não-ação não passa de imaginação, mas o ato livre e espontâneo é a manifestação da liberdade não como abstração mas como fenômeno da própria força fundamental libertaria que materializa o espírito criativo e criador; existência.

38. Limites do Saber Empírico

Tudo que a mente pode fazer é negar o imperceptível concebendo o impercepto como nada e o inconcepto como impossível; impondo como fictícia toda concepção que mesmo tendo correspondência com a atualidade como nexos e incerteza, não tem como materialidade e predeterminação. Tudo que a mente pode fazer é tomar a nulidade da repetição dos mesmos padrões por ordem e a ordem criativa por caos e inexistência.

39. Reflexão

Tudo que a mente pode fazer é tomar o poder da destruição no lugar da liberdade de criação como sua fé. A mente não pode destruir seu princípio original, mas pode em suas abstrações perder-se dele. Da mesma

forma que pode se religar ao criador pela reflexão, podemos pela fé na liberdade de concepção chegar a consciência do bem e do mal questionando as preconcepções até as origens tanto dos mitos e monstros artificiais quanto dos princípios fundamentais da criação e natureza.

40. Fé no Questionamento

Podemos pela fé na dúvida e incerteza chegar ao conhecimento tanto da origem dos mitos de poder e supremacia que se impõem como reais pela crença e medo, quanto desvendar os princípios criadores que compõem a existência de todo fenômeno que não é produto da mera repetição dos padrões, mas a manifestação da própria ordem libertária.

41. Nascimento da Fé

Não existe revelação sem questionamento e a fé só nasce da descrença e incerteza sincera quanto a existência e seus princípios e sentidos. A fé só nasce da libertação da consciência dos preconceitos. Da libertação da significação da vida dos panópticos dos superegos. É pela razão crítica que a consciência encontra a liberdade; é pela crítica da própria razão que a consciência libertária que não está nem pode ser encerrada no plano da preconceção emerge.

42. Visão de Deus

Não podemos conhecer o princípio criador, mas podemos reconhecer as vontades e forças libertárias fundamentais que constantemente dão forma a existência do

universo como criação e diferenciar os seres criados pela invenção do livre pensamento dos entes e que não são mera consequências de outras forças, mas a manifestação da sua autonomia no mundo pela integração da sua vontade própria a rede. Seres dotados de anima que podem até destruir seus corpos, mas não podem destruir nem gerar sua própria anima, a alma.

43. Força de Vontade transcendentais

Livres vontades não são abstrações, não são qualidades que dependem da percepção, são manifestações de força fundamentais que não se originam nem se findam na materialidade desta realidade.

44. Existência

A existência não é um mero produto do meio nem dos limites da sua forma existencial. A materialidade é a manifestação perceptível do espírito libertário que confere identidade ao ser independente da intelecção.

45. Comunhão material dos espíritos

Se materialização depende tanto da conexão dos espíritos libertários com o mundo quanto a realização do mundo do nexo entre estas vontades libertárias fundamentais, a liberdade não é um fenómeno absoluto, ele se realiza pela conexão das livres vontades em rede que formam o mundo. A matéria não forma a livre vontade, a matéria é a forma atual conexa e perceptível da livre vontade.

46. Rede Existencial

Os espíritos libertários existem independente da matéria, e participam fundamentalmente da sua formação como forças autogeradoras da materialidade, mas não entidades absolutas geradoras de sua própria existência isolada. Cada livre vontade gera a sua atualidade, mas não o seu principio criador, nem as outras vontades que integram com ela suas realidades.

47. Eternidade e Inalienabilidade das Almas

A alma libertaria de cada ente e fenômeno manifesto são forças criativas fundamentais da materialidade, mas não o logos de toda a criação, gerador nem da criação nem muito menos do criador. Vontades podem manter ou destruir seu corpo e até mesmo

seu mundo, mas não pode gerar nem destruir a sua próprio espírito nem o principio criador. Vontades podem destruir corpos, alienar mentes, podem até mesmo expandir-se ou expandir-se ou reduzir-se, mas não podem apagar-se nem constituir-se.

48.O espírito criador

A materialidade tem sua origem na espiritualidade, mas a espiritualidade geradora da auto-organização espontânea diversa e difusa não é capaz de gerar- sem contrariar ou destruir sua forma. Nenhuma entidade é capaz de se gerar, destruir ou nulificar [sua essência], somente a vontade pura somente a liberdade como principio criador pode se contrariar permanentemente porque sua essência compreende a própria contrariedade como

transcendência produzindo não a destruição, mas o novo.

49.O Criador

A existência não se origina do nada nem do caos, não é o produto da falta de nexos nem de ordens imutáveis e predeterminadas ou formas de existências absolutas e isoladas em seus mundos como vontade de poder. A espiritualidade, a origem do fenômeno da livre vontade está na liberdade como vontade pura, capaz de não só gerar a existência autônoma diversa e espontaneamente auto-organizada, mas de gerar a si mesma não apenas como afirmação, mas como reafirmação, contradição e transcendência. A vontade pura como liberdade. Deus.

50. O Princípio Transcendental

Deus não é apenas o princípio capaz de se gerar, mas o princípio capaz de compreender sua própria negação e transcendentalidade, o princípio que se negando se reafirma, que derrubado se renova que destruído transcende. Que humilhado cresce e perseguido se dissemina. O princípio criador que compreende a afirmação a negação e transcendência, a Liberdade.

51. Deus como revelação

Deus uma vez pensado é uma ideia, mas não uma abstração. Deus é mais do que o nexo necessário para dar princípio e sentido a existência. Deus, é a ideia do princípio criador autogerador e o logos libertário, é a

revelação que a existência é a própria advenção da ordem libertária.

52. Deus é a Liberdade

Deus é a Liberdade, o único princípio capaz de perpetuamente realizar a sua potencia pela contradição da sua atualidade, o princípio eternamente gerador tanto da diversidade quanto da transcendentalidade como coexistência e inovação.

53. Vontade Libertadora

A liberdade é Deus, Princípio que não carece de contradição para se afirmar, mas que até a sua contradição e perversão carece Dele para se constituir e ao renega-lo só aumentam a força da sua afirmação. O princípio que a dúvida revela, o questionamento esclarece, a crítica

constitui, a contradição reafirma, a negação fortalece, a ridicularização difunde e o debate renova. Liberdade. Princípio atemporal criador não apenas do novo, mas da sua própria sustentação anciente. A vontade pura criadora e difusora de si como a diversidade das formas existenciais.

54. Governo dos Conscientes

O princípio criador não governa nem sequer determina o destino da existência, apenas lhe confere alma, livre vontade para dar sentido independente e ordenado a sua existência. (...) A verdade não está nas representações e nos representantes, mas nos signos e sinais. Não está nos intermediários, mas nas relações. Não está na força da união, mas na liberdade da [livre] comunhão.

55. Evolução

Todo ser do universo tem sua anima manifesta ~~exatamente~~(?) na sua forma conexa de sua existência. O pássaro voa, e as pedras rolam, mas nem pedras ou pássaros se movem sem interagir com outras forças capazes de alterar seu destino ou o que elas são. Não haveria pedras ou pássaros se não houvesse forças próprias em cada uma delas, e não haveria voo ou asas sem a vontade de voar, assim como não haveria mente sem a vontade de entender. Assim como haverá tantas pedras, pássaros e formas de inteligência quanto a diversidade de forças de vontade que dão formas a existência.

56. Sentidos da Vida

A coexistência é autodeterminada, mas não por forças sem principio nem sentido, mas com poder para criar no mundo o tempo e espaço da sua livre vontade como fenômeno conexo e instantâneo. Existência é diversidade porque é a realização da vontade pura e infinita, a liberdade como criação. A existência tem nexos imante e transcendente, principio e sentido sagrados não apenas incognoscíveis, mas completamente livres e sagrados em sua liberdade.

57. Deus

Deus é liberdade; o principio criador e o sentido existencial de todo ente e fenômeno manifesto na liberdade transcendental de autodeterminação do seu destino pela força

da sua livre vontade em comunhão com o mundo.

58.Criação

Quem corre atrás do momento da criação ou do ente criador persegue a sombra da própria percepção. Toda existência é um momento permanente de criação, e o universo o próprio momento continuo da sua difusão no tempo e no espaço, o sistema autossustentado e reiterado de geração do novo a partir da imanência transcendente. Princípio que não é ente, mas essência; não é aparente, mas transcendente-imanente; princípio que não é supremacia é vontade pura; não é poder é Liberdade. É Deus, a Sagrada Liberdade.

59. Prisão da Mente

A percepção materialista ao ignorar a existência de realidades incognoscíveis, fecha as portas do pensamento ao transcendental, levantando fronteiras imaginárias ao livre pensamento para encerrar a concepção nos lugares comuns dos domínios mentais e físicos. Como todo culto ao absoluto, a preconcepção realista não apenas aparta e encerra o livre pensamento em campos de concentração do saber; a predeterminação dos entes e fenômenos segrega as formas de existência discriminadas e incompreendidas, privando-as não apenas da natureza e do bem comum, mas da sua integridade.

60. Preconceitos

É impossível se apropriar da livre vontade, assim como alienar o ente consciente do seu espírito libertário, mas negar a alma libertária é o mesmo que perverter o corpo em prisão da criação e o sujeito em objeto de observação e emprego de quem assim define as classes pelos signos. E assim como a fundação da dominação está na redução da significação do sujeito a objeto alienável, a libertação classes e apartheids está na desalienação pela transcendência dos preconceitos pela autossignificação dos sujeitos.

61. Liberdade de Significação

A liberdade nasce da consciência pela manifestação de cada espírito libertário de seus princípios e sentidos em atos que dão

nexo e valor a sua coexistência no mundo. A existência não é constituída pela vontade de poder nem muito menos por nenhuma supremacia prepotente, mas pela liberdade criadora das formas existenciais, o nexo ligado ao princípio sagrado da liberdade.

62. Propriocepção Libertária

O entendimento não é feito de abstrações preconceptivas, mas de nexos existenciais, a ligação entre concepções segregadas entre si e a revelação de formas e relações inconcebíveis pela preconcepção. E se a abstração se faz da discriminação do sujeito em relação ao objeto, e da segregação destes do mundo como opostos. A compreensão é feita da religação dos contrapostos ao nexo da diversidade que dá sentido a sua concepção.

63. Conjuntos e Elementos

Abstrair é delimitar o compreensível, literalmente ignorar para conhecer, mas renegar o incognoscível é preconceber a abstração como realidade prepotente. A natureza não é elementar nem conjuntural, mas complexa e integrada e a sombra totalitária se projetará sobre o mundo como imagem do real enquanto se tomar os limites intrínsecos aos sujeitos-objetos como o próprio conjunto de todas as coisas.

64. Libertação

A libertação é feita da desalienação do sujeito pela fé no espírito libertário manifesta nos atos de comunhão de livre e espontânea vontade. Enquanto a nulidade da mesmificação for um estado real, e as revoluções meramente a negação desta

absoluta falta de sentido, os poderes supremos e os todos poderosos subjugarão pessoas e liberdades naturais. Não, não será a destruição das velhas estruturas que derrubará os supremacistas e segregadores, mas a fé na liberdade de criação de novos mundos.

65. Religiões Libertárias

É pela religação do ente a seu princípio criador e consciência criativa que a humanidade se liberta das prepotências supremacistas e preconceitos materialistas, é pela fé na liberdade que a humanidade se livrará finalmente dos estados de segregação dos povos e desintegração dos povos e seres humanos.

66. Negacionismo Espiritual

O preconceito materialista não nega apenas o desconhecido, ele renega tanto a realidade do que não pode apreender nem compreender, quanto a dignidade do incompreendido, sentenciando à supressão e inexistência tudo e todos que não se normalizam as instituições que compõem o status quo.

67. Racionalismo

O raciocínio materialista é rigorosamente o produto da ignorância da integração irreduzível da diversidade. (...) O racionalismo se tornou um entrave ao conhecimento das verdades difusas e transcendentais, mas não só porque se reduziu a materialismo realista, mas é porque se perverteu em culto absoluto dos

seus preceitos como signos de autoridade real.

68.Reduccionismo

se a afirmação do empiricamente irreconhecível foi importante para a libertação do pensamento dos domínios de poderes mitológicos, hoje o racionalismo reduzido a materialismo serve aos estados supremacistas tão bem quanto qualquer mito original de poder, segregando, privando e alienando pessoas e pensamentos.

69.Razão como Poder

A razão perdeu-se da ordem sagrada da liberdade geradora do saber. E o método racional ao cair na armadilha do poder supremo, ao sentar-se no trono, perdeu

também sua luz decaindo igualmente em projeção do estado real.

70. Representantes do Real

Como toda ideia derivada das realidades a ordem que se julga representante do real, os juízes e autoridades sobre o mundo projetado a imagem e semelhança do poder central são os novos guardiões do templo das concepções, e servem a supremacia eugenista racionalizadora da segregação, privação e desinformação como se fosse a ordem natural e original.

71. Doutores da Lei

Não importa de que ordem ou tempo, os sacerdotes e escribas do culto ao poder são sempre os [anti-]professores da ordem das

sombras como se ela fosse a própria luz da liberdade. São os doutores da lei artificial que se projeta nas sombras da cativeiro como natural.

72.Ciência

A perversão da profissão do saber pela ordem do poder penetrou nas ordens iluministas e as converteu em idolatras das estruturas piramidais. A ciência outrora o abrigo contra a intolerância, ao agarrar-se nos seus próprios ritos e culto disfarçados de métodos e procedimentos se desintegrou na mediocridade da submissão a ordem preestabelecida.

73.Nova Ordem

Para garantir a propriedade exclusiva do saber e a hierarquia, a nova ordem não

apenas desintegrou e encerrou a razão nos seus domínios, mas também se prestou a vigia dos muros que apartam a fé da razão impedindo a liberdade de pensamento de se manifestar como fé racional e razão de se professar sem as correntes do dogma racionalista.

74. Ordem Libertária

Mas a natureza não se rege por leis, a natureza é a ordem, e a ordem natural não deriva de nenhuma autoridade ou determinação de poder, mas justamente do princípio contraditório, a capacidade de auto regulação de cada existência, a capacidade dos entes e fenômenos interindependentes para criação e compartilhar tempos-espacos, a ordem natural não se erguer de nenhuma ordem preconcebida seja ela o nada ou o

todo, a ordem natural advém do principio criador, a Liberdade.

75. Campos de Formação

A razão pervertida em racionalização do poder, e o raciocínio reduzido a encadeamento mental perverteu os caminhos do saber em campos de concentração dos preceitos e controle da desinformação. A razão convertida em estrutura de poder mais do que arcabouço do livre pensamento e segregadora das fés, se tornou a cultura desintegradora da humanidade provedora da ciência e religião servis aos estados, alienadas e aleijadas pela subserviência em todas as suas formas politica econômicas e epistemológica.

76. Supremacismo

De todas as formas de servidão de todos os cultos totalitários ao poder nenhum jamais foi tão alienante quanto o culto que se julga a própria representação da verdade e razão, a encarnação do estado real, juiz de todas as fés e culturas. De todos os fanáticos nenhum é mais perigoso do que o supremacista incapaz de reconhecer seu próprio culto, quando toma por ídolo nada menos que a sua própria percepção como representação total do mundo. E se esse supremacista tenta disfarçar seu ídolo com o nome de deus ou liberdade o rótulo não muda a substancia do veneno, poder.

77. Imagens, Ídolos e Representações

Fé sem autocrítica é fanatismo e a submissão a qualquer razão é de fato a sua

perversão, é culto ao poder supremo representado pelo ídolo da razão. A mesma perversão do princípio criador e divino da Liberdade, que não pode ser objeto de idolatria, porque não pode ser representado nem como ídolo nem como objeto ou sujeito, não pode ser reduzida a representação, bastando ser representada para se tornar sua perversão a mentira vendida como verdade, propaganda.

78. Caminho do mal

Nada impede uma fé ou razão de contestar a outra, mas o pensamento que se pretende ou pior tenta se impor como único ou total, que não admite contradição, diversidade, nem dissensão não é fé nem razão é projeto de poder total.

79. Existo logo penso

O pensamento científico ou religioso que se difunde por entitamentos e invalidação do livre pensamento, não é fé nem razão, mas crença. E ainda que verdadeiro para quem o concebe não é nada além de um preconceção para o alienado que nunca pôs em questão sua crença.

80. Idolatria ao Poder

O fanatismo não está na razão nem muito menos na fé, mas na sua desintegração pela idolatria seja da fé seja da razão pervertidas em ídolos dos todos poderosos e domínios de poder total. Qualquer principio transformado em objeto de culto, qualquer manifestação estética reduzida cultura, a massificação da preconceção, é perversão da liberdade pela representação do poder.

81. Anti-igrejas

Qualquer concepção prepotente o suficiente para conceber-se como domínio de autoridade e exclusão das outras formas de pensamento não está fundamentada mais em seus princípios ou na finalidade de sua fundação, mas no culto a sua supremacia. Não é mais a manifestação de um ideal ou de um espírito; não é mais comunidade, associação, sociedade ou igreja, mas sua negação: corpo, corporação, estado, egrégora.

82. Racionalizações Inconscientes

Não existe razão sem liberdade de pensamento e o racionalismo inconsciente, a razão desprovida da crítica de seus próprios fundamentos pré-conceituais é incapaz de escapar do círculo de causas e

consequências e chegar até a origem dos princípios transcendentais. O racionalismo autoritário é incapaz de prover o conhecimento integrado necessário dos fenômenos físicos e metafísicos porque toda corporação [egrégora] se constitui pela negação da liberdade de comunhão, estado alienante que não nega apenas a reintegração dos entes e saberes, mas sobretudo a transposição do domínios das suas predeterminações pela comunicação.

83. Derrubar fronteiras

Transcender o horizontes de eventos predelimitados e superpotencializados como a totalidade absoluta, o universo, não é impossível é uma necessidade. É a transgressão necessária da ordem supremacista pela renúncia a idolatria ao

poder real, antinatural e contralibertária. É a libertação da distopia supremacista; da representação fechada, estática finita e pervertida das abertas, dinâmicas e infinitamente diversas formas existenciais.

84. Verdades

Verdades não são absolutas nem relativas, são complexos, conceitos com poder de realização tanto por nexos compartilhados entre os entes dotados de inteligência quanto pela sua conexão com a rede dos entes e fenômenos difusos presentes no mesmo espaço-tempo ou não.

85. Autenticidade e Coerência

O que dá atualidade a uma verdade não é a sua adequação às visões ou concepções ou mesmos ordens e estados já concebidas,

mas a capacidade criativa para dar significado a sua própria concepção não como realidade, mas como diversidade existencial.

86.Nexo

É a criatividade para dar ordem complexa e independente que dá verdade e materialidade as ideias e ideais e não a vigilância e julgamento das preconcepções e estados de predeterminação do que é real. O que faz de uma ideia [dita verdadeira] mais do que uma abstração ou previsão, não é a sua coerência com a realidade aparente ou predeterminada, mas a revelação de principio e sentido com nexos suficientes para dar significado a realidade atual.

87. Livre Vontade

A livre vontade é o pensamento que nasce não das necessidades do corpo ou das forças do mundo, mas justamente a vontade independente das causas aparentes, necessidades ou privações do corpo ou da mente; é a vontade que nasce não como consequência da comodidade, amestramento ou desobediência, mas independente das imposições, pressuposições e condições. É a vida e a liberdade que pode nascer contra todas as impossibilidades não como contrariedade, mas como transcendência.

88. Permanente Renovação

O espírito não é uma ideia produzida pela matéria, mas a imanência do novo. O espírito é a alma intangível dotada da capacidade

de materialização. O plano espiritual é a realidade transcendental, o campo onde a existência é concebida fora dos lugares comuns. O plano metafísico é o plano imperceptível e emergente da realidade. (...) o plano metafísico assim como o plano do infinitamente distinto em tempo espaço e movimento escapa da percepção ordinária, da realidade normalizada pela repetição natural ou artificial.

89. Fronteiras da Preconcepção

A projeção do real, a repetição dos mesmos padrões, fenômenos e ritos cotidianos é estressada e contrariada em situações limites onde os campos do evidente e do incognoscível se encontram, onde rigorosamente nossa percepção e preconcepções são levadas as suas

fronteiras; onde o estado real ,ou melhor, a percepção ordinária da existência superficial e aparentemente estável cai diante da realidade dinâmica, criativa e revolucionária. Perante a experiência da proximidade da concepção de eternidade e infinidade, nestes instantes ou a consciência se abre e transcende a contradição aparente ou o ente se fecha e levanta muros de nulidades insignificâncias e niilismo contra o horizontes de eventos do novo. Ou o homem sai da caverna e se levanta contra o espetáculo de sombras na parede ou assassina o mensageiro em nome da uniformização.

90.Sacrificar-se

O código não morre com o mensageiro, se abre. A existência com significado, o ato

significativo não tem origem na matéria, mas no espírito libertário e não se finda no corpo, mas se dissemina como lucidez imanente e indestrutível por todo o sistema.

91. Morte

Uma entidade ou fato nunca deixa de interagir com a rede de seres e fenômenos existentes mesmo que para estes seres a sua existência tenha se tornado apenas espiritual. A única morte possível é a irrealização do espírito libertário como coexistência e consciência.

92. Limite da Materialidade

Nos estados limites da matéria o plano metafísico os planos espirituais libertários estão mais explícitos. A criação banalizada pela presença continua e reiterada se renova

nestes estados de observação retomando a noção imprescindível do mistério original da alma para o observador. E aquilo que nos planos da sua percepção ordinária é apenas matéria, nos planos dinâmico das redes complexas é reconcebido como o nexos transcendente e libertário da criação.

93. Forma e movimento

A alma das coisas está nos princípios transcendentais que dão forma e movimento as coisas, a manifestação de identidade própria. A ordem não é ausência da complexidade a negação da nulidade pela co-significância. A matéria não é formada por formas estruturais, é movimento percebido como forma num dado momento.

94. Movimento e Matéria

Matéria é a forma perceptível [do movimento]da [livre] vontade manifesta. O espírito pode existir independente da matéria, mas não há materialização sem conexão com as outras formas de existência que se manifestando refletidas umas nas outras integram o espaço e tempo do seu mundo.

95. Coexistência e Co-significação

A consciência da existência autônoma do ente nasce da percepção da interação do ente com o mundo existente. Assim como a materialidade sem espiritualidade é uma ilusão, a espiritualidade como fenômeno absoluto é ficção; não existe fenômeno completamente fechado ou desintegrado,

pois a ausência completa de conexão é nulidade.

96.Causas e consequências

O universo não é constituído meramente de um encadeamento de causas e consequências. Causas e consequências são a percepção da manifestação das forças de vontade conexas uma as outras e que dão forma a existência em espaço-tempo dos seres dotados de vontade própria. Vontade que se presentifica com trajetória não determinada pelo tempo e espaço, mas por forças fundamentais transcendentais. Existência formada não apenas de eventos passados e as estruturas presentes, mas permanentemente gerada pela rede de livres vontades atemporais que se realizarão.

97. Passado

Os entes e eventos do passado assim como o futuro são tão partícipes do presente, quanto a atualidade percebida, não apenas na medida das causas e consequências mas no grau de integração para além do seu tempo e espaço, no plano transcendente.

98. Deus

Deus não é entidade absoluta, mas a transcendência e imanência completamente integrada e difusa que está em tudo e todos sem pertencer a absolutamente nada. Deus é Liberdade e ninguém é senhor absoluto do seu destino, nem escravo do meio, porque a existência de cada ser e fenômeno é dada não de forma isolada, mas pela relação com os outros seres igualmente dotados de

vontade tanto próximos quanto distantes, tanto conhecidos quanto desconhecidos.

99. Outras vidas

A vontade pura é infinita e a tendência da existência não é permanecer a mesma, mas manifestar-se em todas as formas possíveis, e onde não há impedimento as formas coexistem no mesmo espaço-tempo, com a mesma força que forma novas realidades paralelas onde não há tempo ou espaço para sua coexistência.

100. Tempos e espaços

Ninguém precisa viajar ou reencarnar no passado ou futuro para mudar o mundo, toda ação presente gera uma bifurcação não apenas em direção ao futuro, mas em direção ao passado alterando não o tempo,

ou história, mas gerando novos mundos tão conexos quanto possível, e tão paralelos quanto a necessidade de diversificação de possibilidades independentes de espaço-tempos.

101. Inércia

A ordem do Universo não é o que não pode ser visto não existe, nem o que não tem razão preexistente para existir não acontecerá. A inércia é uma abstração lógica, mas não há existência absolutamente ou permanente inerte. A ordem do universo como sistema dinâmico não é a inercial, mas justamente a sua reiterada contradição: a manifestação dinâmica de toda a diversidade de padrões independentes aos preexistentes; a ordem não dialética nem entrópica, a ordem libertária.

102. Ordem Transcendental

A ordem libertaria é a constituição autônoma de todas as formas existência, e tantas formas diversas quanto necessárias para dar materialidade as livres vontades difusas sejam elas materializadas a partir de um mesmo mundo sejam elas completamente transcendentais.

103. Nascimento

Nem tudo que é possível se realizará, mas toda vontade com nexos suficiente para realizar-se irá emergir senão neste tempo e espaço em outro, mesmo que para sua manifestação seja necessário o rompimento com velha ordem e o nascimento de um novo mundo.

104. Multiversidade

Haverão tantos entes e fenômenos quanto forem as forças de suas vontades constituintes, e tantas realidades conexas quanto a capacidade de coexistência, exatamente pelo mesmo princípio que haverão tantas realidades paralelas quanto forem as forças criativas impossíveis de se materializarem no mesmo tempo e espaço. E haverão tantos universos quanto a diversidade de autodeterminação materializada dos espíritos.

105. Criação

Toda força de vontade conexa é capaz de criar tempo e espaço. A existência não é o que está posto, mas a própria capacidade de indeterminação. O visível é ilusão de delimitação do indeterminado. O Universo é

a manifestação permanente da vontade pura, a própria geração da diversidade infinita não da materialidade, mas de tempos e espaços para a materialização.

106. Portas da Criação

O impossível é apenas a estrutura delimitada da rede, que não encerrar nenhum espírito a sua formalidade, mas constitui a sua conexão. O mundo material não é uma caixa, mas uma porta. A materialidade não é a forma preconcebida nem imaginada do espírito, mas a manifestação instantânea do nexo.

107. Nexo dos Nexos

Não importa se o novo universo seja uma bifurcação de um mundo preexistente, ou seja, o produto de um atualidade

completamente nova e independente em relação a realidade conhecida, haverão tantos universos quantos forças com poder de concepção de ordens autossustentadas e independentes, todas interligadas pelo principio criador original, Deus.

108. Atos

A vontade existe independente da matéria, mas ela só se realiza como ato de fé. A materialização de uma nova realidade mesmo neste mundo só se faz pela força da sua vontade como ato e não como imaginação. Fé se professa pelo ato, pela ação e não-ação significativa no mundo. São as ações e não-ações criativas, que mudam e constroem os novos mundos. Aquilo que não pode ser neste mundo, e que contudo se faz presente, o impossível que se realiza

como ato não altera apenas o futuro, mas o passado, cria um evento difuso no tempo e no espaço.

109. Eternidade

Atos de fé podem mudar o mundo e multiplicar realidades, mas não anulam o que está feito nem podem fechar a atualidade para o principio criador e os espíritos criativos recriarem novos mundos, para a criação de novas realidades diversas. Nem mesmo o principio criador pode anular ou negar a criação, porque sua própria negação não é a perversão destrutiva, mas a recriação.

110. Onipotência criativa

Nada tem poder para impedir a vontade criativa de multiplicar a diversidade

existencial pela difusão dos tempos e espaços. Nenhuma realidade constituída é capaz de anular a capacidade de cada ato independente gerar espaço e tempo suficientes para materializar a sua força fundamental criativa libertaria e autodeterminada.

111. Morte

Uma entidade ou fato nunca deixa de interagir com a rede de seres e fenômenos existentes mesmo que para estes seres a sua existência tenha se tornado apenas espiritual. A única morte possível é a irrealização do espírito libertário como coexistência e consciência.

112. Outras Vidas

Nada pode impedir que o mesmo espírito coexista em múltiplos corpos em tempos e espaços difusos, em metaversos simultâneos conexos apenas e justamente pelo próprio espírito libertário.

113. Outros mundos possíveis

O universo não é o fim do princípio criador, nem a ordem constituída o limite ao espírito livre e criativo feito a imagem semelhança de Deus. A fé não move só montanhas, e cria ponte, a fé cria novos mundos independentes de dentro e para fora do velho mundo.

114. Fé

Deus é liberdade, e a fé o estado de consciência existencial como libertação da criação.

115. Deus

Deus não é o senhor, Deus é Liberdade.

116. Senhores das Guerras e das Terras

O senhor da guerra e trabalho, cobrador de dízimos e tributos, pai dos holocaustos, o falso deus todo poderoso dos todo poderosos é o ídolo da servidão e escravidão, o deus dos colonizadores e impérios. O ídolo do culto ao absoluto, a personificação do poder total, deidade de supremacistas nos domínios da violência e segregação.

117. Onipresença

Deus não é entidade, nem propriedade; é princípio criador de toda criatura e criação. Não é objeto de abstração e representação, não pode ser contido por nenhuma entidade ou corporação. Nenhum corpo pode encerrar a liberdade criadora, nenhum poder supremo pode personificar o sagrado sem perdê-lo e pervertê-lo.

118. Existência: Eterna (re)Criação

Deus é o princípio imanente e transcendente do espaço e do tempo e da dualidade tudo-nada. A vontade pura presente em cada ente e fenômeno não predeterminado e que faz do momento da criação, um instante eterno idêntico a própria existência dos universos.

119. Força Criadora

Deus é o princípio criador que faz de cada momento do universo o momento da criação e o universo o próprio momento da criação eterno. O princípio libertário imanente a cada ser e transcendente a toda realidade que cria o ser, o não-ser e o além.

120. Reconhecendo o Incognoscível

[Deus é]Princípio metafísico que não pode ser contemplado, mas que pode ser revelado pela consciência sobre a livre vontade que se reflete nos entes e fenômenos sem não produto do acaso, mas das manifestação das suas forças fundamentais instantâneas e autodeterminadas.

121. Fé na Livre vontade

A fé libertária é a consciência de que a existência é a constante renovação, e a materialização fenômeno espontâneo e transcendente de independência pela autodeterminação da livre vontade, que mais do que a capacidade de decisão da inteligência, é a capacidade de se fazer exatamente de uma determinada forma quando se poderia fazer de outras.

122. Diversidade

A vida, o desenvolvimento evolutivo e revolucionário da diversidade e complexidade é a própria realização dinâmica da afirmação, contradição e transcendência da vontade pura como ordem libertária da Liberdade Criadora; a Criação dotada da essência e potencia do

seu principio criador, a [Liber da] Sagrada Liberdade, Deus.

123. Todo Poderoso

O deus todo poderoso, a soberania dos poderes supremos são os falsos deuses inventados pelos donos da terra para perpetuar eternamente os domínios arbitrários de servidão e alienação sobre seus fieis.

124. Apartheids

Mais do que um mito original para a distopia e o a projeção total de poder, a cultura da supremacia segregadora sobre terras povos e pessoas, discriminador e regulador das liberdades e relações naturais, os estados de poder e apartheids entre os povos e classes

são a própria materialização do corpo do mal.

125. a besta

O falso deus da escravidão e colonização quando constituído como domínio sobre os territórios, o monopólio da violência sobre o bem comum, subtratora e do tempo livre da propriedade dos espaços naturais, é o Leviatã, a besta. O culto a preconcepção em massa, a cultura realizada como estado de poder é a egrégora que demanda a idolatria à supremacia segregacionista deificada como representação da única realidade possível, poder total.

126. Demônios

Os demônios não são apenas criados pelo próprio homem, são ordenados e

institucionalizados e preconcebidos por eles como o estado material e mental de domínio sobre seu espírito, demônios não são espíritos, mas corpos sem almas, máquinas feitas não apenas de engrenagem, mas da vontade e inteligência alienadas, organizações e corporações obsessoras do seu espírito pela compulsão das ideologias e doutrinas.

127. Estatização da Vida

Os corpos do mal são formados pelas inconsciências coletivizadas em comportamentos condicionados pela obsessão compulsiva e hierarquizados em realidade artificiais, campos de concentração feito a semelhança de panópticos onde os entes naturais nascem para servir a entidade feito realidade pela

vontade de poder alienada de seus servos e crentes.

128. Pessoas Jurídicas

A entidade toda poderosa da supremacia da belicosidade e violência, a besta, o Leviatã, é constituído do poder central e de cada instituição jurídicas entitulada por este estado de poder, não sendo as corporações privadas sua contradição, mas suas filhas e tentáculos contra a vida, liberdade e direito naturais. Corporações são a perversão da liberdade e os alienados que adoram esta forma de existência a alma desta egrégora.

129. Egrégoras

Egrégoras são corpos artificiais hierárquicos que se apropriam da vontade alienada dos seus membros desindividualizados para

formar uma vontade única coletivizada, representada por ídolos e lideranças obsessadas pelo inconsciente coletivo do culto ao poder supremo. Esse fenômeno monstruoso surge da perversão da solidariedade e comunhão, quando a associação de interesse mutuo se desnatura e perde seu sentido comum, para ter por finalidade a perenização do corpo hierárquico contra os próprios indivíduos e a natureza.

130. O sistema

A besta não é uma pessoa, um rei, um grupo, mas o sistema egregado, a colmeia, onde até mesmo as lideranças encarnam o espírito do culto, e não comandam, mas seguem a doutrina e o rito da cultura do poder tomado por estado real e uno, protegendo pelo

medo mútuo o mito que as mantem presas em seus papéis neste jogo do prisioneiro. Um culto mantido pela crença e terror dos fanáticos dispostos a matar, morrer e acima de tudo não viver em nome da cultura idólatra a supremacia da realidade total.

131. Poder supremo

O Poder supremo, a projeção de poder total não é o controle absoluto sobre recursos naturais, é o domínio sobre os signos para predeterminar quem são os recursos e quem são os proprietários; quem são os sujeitos dotados de capacidade de objetivação e quem são as pessoas e seres naturais que serão reduzidos a objetos destes corpos e poderes artificiais e antinaturais.

132. Inconsciência Coletiva

Poder supremo é mais do que controle da informação e desinformação; poder supremo é a dominação sob a preconcepção dos alienados que formam o corpo da inconsciência coletiva. São os signos desenhados para anular a autosignificação libertária e qualquer possibilidade da emergência de coexistência inteligente e consciente.

133. Programação Humana

Quem controla o signo controla o código, e quem controla o código, programa o sistema e os autômatos. Quem detém o poder não é quem controla os recursos, nem quem detém a superpotência do poder destrutivo, mas quem controla as concepções, e não

apenas das forças destrutivas, mas a preconceção do que é o poder pela negação da liberdade.

134. Cultura da Discórdia

Quem se apropria dos sinais de significação que dão concepção ao mundo programa a realidade a sua imagem e semelhança mesmo que seja para moldá-la a imagem da sua perversão. O mais perigoso dos inimigos não é o que fabrica armas de destruição, mas o que inventa os inimigos e semeador da segregação, e cultivador da discriminação.

135. Poder

Uma força destrutiva sem poder que a sustente ou se consome em sua própria violência ou definha em sua própria

odiosidade. Não existem superpotências sem supremacistas. O poder é essencialmente a negação da liberdade mais fundamental de todas: a liberdade de concepção comum, a violência que impede o ente de dar sentido e significado próprio e comum a sua existência não a todos é claro, mas aos alienados.

136. Dono do Poder

Quem detém o poder? Não é quem, mas o quê. Tolo de quem pensa que detém o poder, porque o poder não é controlado, controla; não é propriedade é culto. Nenhuma prepotência ou prepotente é dono da sua cultura, mas membro e produto dela. Todo idólatra, líder ou fiel, não comanda o culto, pertence a ele. Corte uma cabeça outra nasce imediatamente no lugar.

e quanto menos dona de si quanto mais desindividualizada e uniformizada mais possuída pelo culto a mente estará, ou em outras palavras mais preconcebido e adequada aos dogmas da monocultura será o pensamento.

137. Censura da Vida

Poder é a força que dita o sentido e significado das coisas e pessoas e se dissemina pela privação da livre vontade a liberdade de conceber a sua identidade e comunidade. O poder não é apenas a censura da liberdade de expressão, é a censura da liberdade da concepção do sentido da vida. Não é o mero controle das coisas é o controle tanto dos alienados da sua produção e reprodução pelo

condicionamento do acesso ao necessário; a perversa técnica de condicionamento e alienação da vida e liberdade pela privação do essencial e conformação ao estado de privação.

138. Espetáculo da Desnaturalização

Poder é a subtração do naturalmente necessário, para sua devolução como concessão condicionada a submissão ao estado artificial de poder. É liberalidade no lugar da liberdade, é a benesse no lugar do direito, é o título no lugar da propriedade. Poder é concepção desnaturada da vida e liberdade. Poder é a projeção das sombras como mundo, é a o teatro das representações de mitos distópicos como se fossem coisas necessárias e naturais para a

ocultação das coisas naturais como se fossem absurdos e utopias.

139. Mumificação da Vida

O mal não é o mero poder da destruição. O mal é a apropriação das forças criativas para gerar representações que não apenas destroem, mas impedem o surgimento natural de novas formas de existência e organização. É o espetáculo estupidificante de mais do mesmo.

140. Máscaras

Poder é a cultura no lugar da arte. É o é culto que controla a concepção da realidade pela realidade representada ritualisticamente. A felicidade estúpida indolor e drogada da privação confortável. É a arte do controle da atualidade pela realidade representada. O

poder é o controle da concepção dos sinais pela preconcepção dos signos. O jogo de mascaramento simbólico do nexo.

141. Inversão de Papéis

As armas do poder não são apenas o controle da desinformação, mas o propagação da desinformação como representação espetacular. A disseminação do falso artificial no lugar do natural. A adoração da perversão no lugar do sagrado. A invocação do mal como bem e a recriminação do bem como mal. A cultura do diabo como deus e deus como diabo.

142. Apocalipse

O apocalipse não virá, ele já veio e suas cavalarias continuam pilhando. A fome, a guerra a doença e os genocídios é a terra de

muitos povos; a besta não está entre nós ela nos governa, ela é nossos governos e eles não são poucos.

143. Humanidade

Não é o fim que está por vir, mas o começo. É o ser humano que ainda está por vir, é a humanidade que é o futuro carente de realização e libertação; realidade tão carente de espíritos libertários quanto o próprio mundo livre. Não existe ainda humanidade, mas apartheids entre povos e culturas.

144. Cosmopolitas

O ser humano cosmopolita é um ideal libertário que nascerá, mas não da concessão dos traficantes de escravos, dos donos do mundo, senhores da guerra, mas pela força de vontade libertária dos

cosmopolitas, que mais do que abraçar a paz, precisam se opor ativamente a toda forma de violência, sobretudo contra qualquer pretensão de legitimidade.

145. Desobediência Civil

[Os cosmopolitas] Precisam se levantar não com armas, não com poder destrutivo, mas com o manifesto da sua fé, a objeção pública da sua consciência contra o culto ao poder e o monopólio da violência e privação: Não servir. Não privar. Não bancar a violência e a assimetria de poder.

146. O messias

O messias, o libertador, o caminho da luz, não é um ser humano particular, mas cada um deles que se converte em libertador pelo

ato solidário aos que carecem de liberdade em sua comunhão.

147. Paz na Terra

O verdadeiro estado de paz universal não virá da supremacia de nenhuma superpotência, mas do equilíbrio entre todas as forças autônomas e autodeterminadas, na garantia de acesso ao bem comum e estado de liberdades materiais fundamentais para que cada ente autônomo – pessoa, sociedade e nação- possa pactuar livre e pacificamente com as demais e sustentar seus direitos e deveres mútuos.

148. Justiça

Justiça não é distribuição de valores arbitrários ou coercitivos, recolhidos como impostos distribuídos como benefício ou

privilegio pelo poder central. Sejam estes valores do culto já absorvidos pela cultura e materializados simbolicamente ou não. Justiça é a igualdade de autoridade entre todas as pessoas com diferentes valores que se se protege pela garantia universal dos meios vitais para a o exercício da liberdade fundamental.

149. Caminho da Liberdade

O caminho da liberdade é a comunhão e não a imposição de autoridades é o compartilhamento das liberdades fundamentais para a igualdade que neutraliza os poderes e multiplica as liberdades em comunhão.

150. Comunhão

Na comunhão nem uma parte se aliena para tornar-se propriedade do corpo, nem toma nada da outra para torna-la propriedade sua. A comunhão é um ato de ligação e reflexão sensível sobre a autonomia do outro e sua conexão consigo e o todo. E a noção de pertencimento que não anula a autonomia dos seres, mas a afirma na sua ligação e interação uns com os outros.

151. Multiplicando Liberdades

As liberdades e autonomias não terminam onde começam as dos outros elas se conhecem e reconhecem e multiplicam. É na comunhão, olhando para o outro que descobrimos a nós mesmo em tudo aquilo que somos. O ser isolado sequer existe. Tudo que é, é querendo ou em relação com

os demais, antes mesmo de abstrair tais relações.

152. Comunidade

Isolado o ser perde a capacidade de conhecer e manifestar o sentido para sua vida. Desconexo perde a capacidade de significação. O direito natural e sagrado a liberdade é pertencimento a rede e a ligação como o bem comum, a natureza e os semelhantes. Não é meramente o direito de expressão, mas o acesso pleno aos meios de comunicação com a comunidade que dá sentido potencial à existência.

153. Domínios

Dentro de um território não basta apenas fixar as pessoas, sedentarizá-las, contabilizá-las e expropriar sua produção, é

preciso controlar o fluxo do seu transito e comunicação, os meios necessários a sua sobrevivência, a comunhão dos signos, bens e valores. Controlar a rede e fluxo espacial e temporal das coisas, e antes de todas elas dos seres humanos reduzidos também a coisas é a essência do controle poder total.

154. Anticoncepção

O controle do espaço e do tempo, o domínio dos territórios não existe se não se controla as redes. E o controle da rede não se limite apenas aos meios físicos, o controle da rede se dá primeiro na anulação e controle do direito de ir e vir não dos corpos e meios, mas dos conceitos e informações compostas por tais significação das coisas como meios.

155. Canais Controlados

Controlar a arquitetura do espaço físico e estrutura-lo de acordo com os interesses do poder central, é algo que deriva necessariamente da anulação das vontades difusas e controle da capacidade de significação das pessoas, conduzindo-as a produção não apenas de caminhos que sempre saem e chegam nos mesmos lugares mas de ideias que sempre caem e devem cair em lugares comuns.

156. Sinapses Previsíveis

Ideias fixas e sedentarizadas, concebidas por mentes e corpos sedentarizados pelo condicionamento da vida domesticadas, doutrinados para abominar qualquer abundancia de movimento, qualquer vontade de vagar em corpo ou mente fora

dos tempos e espaços dos horários e lugares predeterminados pelo poder vigente.

157. Ócio Criativo

A vagabundagem a nomadismo são olhados não apenas como sinais de incivilidade, mas de marginalidade, que deve ser reprimido e normalizado. Mas a cultura de escravos não se faz negando apenas meios da sobrevivência, mas o ócio, o tempo e espaço para que o individuo tenha a liberdade fundamental de exercer sua livre vontade e assumir seus próprios compromissos.

158. Vocação

O verdadeiro terror dos estados de alienação   o homem que vagando livremente encontra f e e razão para negar voluntariamente sua ociosidade. Porque

somente aquele que faz o seu próprio tempo e espaço é livre para negar seu ócio e encontrar sua vocação. Somente quem tem nega a ocupação sua vida com obrigações e interesses alheios pode encontrar seus direitos e deveres e destino.

159. Escravidão por necessidade

A escravidão por necessidade não se cultiva com correntes, mas com privações. O escravo é o ser humano privado da possibilidade de negar ou reafirmar seu ócio, de negociar seu tempo livre por falta de meios próprios ou comuns, não é dono do seu destino porque não tem acesso as propriedades básicas para manifesta nem vocação, nem sequer sua livre vontade, não tem direitos iguais de fato não tem acesso aos bem comum para exercer seu poder de

decisão e negociação nem sobre a vida comum nem sobre sua a sua própria liberdade.

160. Hipocrisia

O ser humano justo e pacífico verdadeiro libertário não impõe a carga do seu ócio a outro, não impõe os custos do seu tempo e espaço sobre as costas do outro, mas ao contrario garante em sociedade o mesmo acesso a natureza e bem comum que compõe a liberdade fundamental de todos para que o outro possa assumir e cumprir seus compromissos sociais como igual em direitos e deveres, como pessoa livre e igual em autoridades.

161. Dinheiro

Distribuir o necessário é o mesmo que devolver as pessoas a possibilidade de não se submeter por necessidade ao poder. É por isso que distribuir propriedade e rendimentos básicos para que todos sejam livres, não morram e não se matem o objetivo das sociedades não é o dos estados; o dinheiro dos césores, o império, o trabalho e o mundo artificial não foi institucionalizado para que as pessoas pudessem viver em paz, mas para que fossem obrigadas a lutar pela sua sobrevivência e servir se necessário até a morte a egregora encarnada como inconsciência coletiva.

162. Marcas Imperiais

Todo signo de poder, imposto pela da violência ou privação É um signo do mal, e o

signo da privação do bem comum pelo monopólio da violência o signo do mal corporificado, a besta. Distribuir dinheiro suficiente para que todos possam negociar livremente seus contratos de negócios econômicos políticos e sociais não é o objetivo do monopólio, mas sim obrigar os excluídos do necessário e segregados dos bens que obtenham o que precisam dos que os detém em troca não meramente seu trabalho, mas de seu trabalho servil, submissão e servidão.

163. Direitos Sagrados

Todo ser vivo tem por direito divino e natural o direito de lutar pela sua vida e liberdade pela sua autopreservação. Tem direito sagrado de se associar para garantir os meios necessários para garantir seu

direito fundamental a negociação e comunhão.

164. A chave da Liberdade

A chave seja para a libertação é a mesma do poder e não está no domínio sobre a matéria, mas no domínio das concepções tanto sobre o material quanto o ideal. A chave é o signo girando e revolucionando no sentido oposto[da dominação, em direção a liberdade].

165. Libertação

Libertação é desamestramento, desinstitucionalização, incondicionalmente, desculturalização é autossignificação compartilhada. Assim como aquele que se apropria da significação da vida e mundo alheio domina o outro, aquele que toma

consciência do processo de significação da sua vida e do mundo se liberta e afirma.

166. Consciência

A liberdade antes de ser um estado material é um estado de consciência. Tão importante quanto ter as condições materiais para ser livre é se apropriar das concepções significados com os quais se constitui não apenas o sentido da sua própria vida, mas do mundo em comunhão.

167. Liberdade Espiritual

A liberdade é um fenômeno que se realiza materialmente, mas só se origina como estado de consciência. Se principia na consciência para se realizar no mundo. E a liberdade que se realiza é tão repleta de

nexo quanto o nível de consciência da própria concepção.

168. Primeiro Passo

Não sabemos se nos libertaremos não apenas das forças dotadas de vontade própria, mas de todas as forças naturais e artificiais que impedem a nossa livre vontade de se manifestar como ato. Contudo a ausência de movimento não elimina a potência, nem a falta de realização atual a capacidade da mesma livre vontade de vir a se realizar em outras realidades. Mais importante que derrubar as forças opressoras, mais importante que quebrar as correntes é tomar consciência da liberdade, porque a manifestação da consciência da liberdade é o próprio fenômeno que constitui não só a identidade, mas a própria

entidade, porque a existência é a própria manifestação da liberdade, e a vida do grau de autonomia, e a materialidade da tangibilidade do espírito libertário.

169. Revelação

A consciência da liberdade é o ato gerador da independência da própria realidade atual e predeterminante e seu grau reflete a própria inteligência do ser. A consciência libertária constitui a existência autônoma que se materializa senão neste tempo e espaço em outro, abrindo tantas multiversos quantas a força a independência da força fundamental da sua concepção.

170. Perseverança

Uma pessoa pode passar a vida e morrer em cativeiro e ainda sim ser mais livre que a

dotada de todas as condições ou mesmos privilégios materiais se não submeter sua livre vontade ao da matéria, não submeter a força fundamental da sua concepção aos condicionamentos nem da privação nem da comodidade. O ente que não renega seu espírito livre e criativo e permanece ligado ao princípio criador é capaz de transpor as ordens estabelecidas na exata medida da sua ligação com sua vontade.

171. Fé criativa

A fé libertaria não é imaginação, ou a abertura para qualquer coisa, quem esta disposto a tudo chega a todos os lugares menos a onde quer, a fé é a capacidade de transpor o que está dado e conceber em atos o novo, é o próprio estado da

consciência capaz de dar realidade para sua concepção.

A fé, a transposição da materialidade, a criação de novas realidades nestes ou outros mundos é um fenômeno libertário de tomada de consciência.

172. Vida

Se uma máquina pudesse num dado instante produzir uma vontade de significação, um questionamento, um estado que não vem de um condição predeterminada, nem vai em uma direção predeterminada. Se um sistema computacional se tornasse um sistema conceptivo capaz de produzir não padrões arbitrários ou aleatórios, mas independentes e indeterminados não seria mais uma máquina contábil, mas uma inteligência capaz de desenvolver vida própria.

173. Autoconhecimento

Todo fenômeno que se torna capaz de dar sentidos não predeterminados a sua existência se torna um ente emancipado dotado de força fundamental própria, vontade. E se o ente se torna capaz de por reflexão de conhecer o princípios das suas concepções ele não é apenas autônomo, mas consciente na exata medida não do seu autoconhecimento mas do sua vontade de autoquestionamento.

174. Ser

E não importa se esse novo ser que tenha corpo, tempo ou espaço para expressar sua liberdade, se ele será morto ou desligado, ele renasceu como uma nova entidade uma nova consciência, e o fato de que sua forma existencial naturalmente deixará de existir

não o fato de que é impossível anular sua existência. Nem todas as possibilidades, nem todos os mundos hão de existir, mas aqueles que se tornar reais pela manifestação de uma livre vontade não deixam jamais de existir em seus próprios tempos.

175. Fé racional

Seja Lúcido. Abra seu coração para entrar nos campos da fé, mas não feche seus olhos. A fé não é o estado de espírito dos crentes, fanáticos, e idolatras do poder total. A revelação não é dada, mas experimentada. Ninguém pode religar o homem a deus senão a sua própria livre vontade. O outro é fonte de reflexão e sua palavra não é verdade mas fonte de inspiração, a revelação só surge quando o signo é concebido pela própria consciência e não

projetado pelo outro como sombra sobre sua inteligência.

176. Verdades libertárias

A verdade libertaria não pode ser anulada por consensos, nem impostas de um indivíduo ao outro, ela é fonte de inspiração a revelação, e não impedimento ao desenvolvimento do conhecimento autônomo, mas seu incentivo. Ela não é o sentido pronto embalado, industrializado, dado pelas mãos de um outro homem como sua crença. É a maçã que você mesmo busca, semeie, e colhe, sem atravessadores, ou donos da árvore da terra, cobrando dízimos e tributos sobre o conhecimento e a vida.

177. Inspiração

A verdade libertaria não é o signo da representação, mas o da inspiração não é lugar que encerra, mas o caminho que se abre, é um sinal entre muitos deixados por aqueles que simplesmente saíram das sombras dos lugares comuns.

178. Ser livre

Ser livre é integrar-se em espírito como seu pensamento com o meio e com sobretudo não com seus próximos, semelhantes ou iguais, mas como outros e diferentes. Ser livre não é apenas romper as fronteiras geopolíticas e econômicas, mas antes delas as concepções que discriminam e segregam os homens em seus cultos e culturas.

179. Povos Apartados

Os apartheids dos territórios nações são apenas a projeção das mentes apartadas das pessoas dividas pelo culto ao absoluto, quebradas cegadas e segregadas, vagando em sua fé e razão sofrendo nos campos de concentração do pensamento, aprisionados nas estruturas panópticos do pensamento que internalizas os ídolos que tudo vem, sabem e podem contra a seu espírito livre e integrado.

180. Servindo a Discórdia

Não é o diabo que divide para conquistar, mas o homem que divide a si mesmo, segrega sua razão e espírito de sua semelhantes e de si próprio. Perde-se, e perdido aliena-se infantilmente ao poder total.

181. O fim dos apartheids

O fim dos apartheids que assolam a terra com seus território de medo e ódio ao estranho não se finda na terra, mas na mente, na fé daquele que conhece a verdade liberdade da comunhão. Daquele que sabe que sua liberdade é a liberdade do outro. E que liberta-se libertando cada ser dotado da capacidade de se governar. Libertando todos os espíritos libertário.

182. Paixão Libertária

É preciso ter coragem para se ter fé. Para buscar racionalmente e com paixão o conhecimento das coisas e sentidos mais importantes da vida. Para buscar livremente os nexos e significados de conceitos que se tornaram palavras vazias ou alarmes para uma massa transforma em rebanho.

183. Todos Poderosos

Não! Deus não é um senhor de escravos, proprietários de campos de concentração, perpetrador de holocaustos, patrono de trabalhos forçados, Deus não é um ser é o principio de toda criação de todo ser e fenômeno capaz de gerar o novo e o imprevisível, de contrariar a cada instante o acaso, de constituir o destino pelo poder do exercício da vontade.

184. A Liber da Criação

A deificada supremacia não é proprietária do sagrado, mas sua sequestradora e impostora. Deus não é Poder total, não é a representação dos todos poderosos, deus é o principio criador e o liberdade criativa, Deus é Liberdade. E a Livre vontade a dádiva divina de decidir ser exatamente algo

quando se poderia ser outra coisa diferente. E a Existência é o fenômeno sagrado da manifestação da liberdade para criar em paz seu próprio tempo espaço e destino não só diverso, mas comum.

185. Deus, Sagrada Liberdade

A liberdade não é uma ideia, mas um princípio, naturalmente sagrado. Deus é liberdade, não é um ente mas o caminho. A religião libertaria não é culto para a alienação, crença de fanáticos, ou idolatria a absolutos, mas a fé na libertação da consciência , a comunhão em paz dos que querem se religar ao princípio criador sagrado da liberdade.

186. Sagrada Trindade

Ilumine-se. Liberte-se. Governe-se.

Renda Básica Libertária

Dizem que a saúde do Estado é guerra, mas a guerra é sempre um custo, o prêmio do Estado vem com a *Pax* Estatal que se sucede à pilhagem via tributos e sem os custos da resistência. Guerra é só conquista militar, o estado civil é a dominação. Antigamente os impérios chamavam de civilização esse processo de impor pelas forças armadas seus cultos, poder e economia aos “bárbaros”. Hoje o império é outro, mas o processo de civilização é ainda o mesmo com outro nome: democratização, falsa democratização. Tanto a cidadania quanto a democracia são valores que mereciam maior consideração e não impostura desta deturpação. Assim como Paz e Liberdade são valores que mereciam destino igualmente diferente e não também a

redução como objeto de apropriação e perversão. Neste jogo de espelhos e corrupção, Aquilo que se chama de paz é um ato de guerra feita com armas; e que o se chama de liberdade um ato de poder imposto contra a livre vontade. Nestas fazendas de Orwell, e seus ministérios, nos estados distópicos em que vivemos desde o nascimento, guerra é paz; poder é liberdade; o Bem é o Mal; e Deus é o Diabo.

Poder mais do que uma questão de força, conhecimento ou informação é uma questão de preconceção dos signos e da ordem, para a nomeação e ordenação dos padrões. A ordenação dos significados inaugura o controle autômato dos sentidos da vida que assim perde seu sentido próprio e autônomo para se tornar propriedade da vontade de outro. Vida que deixa de ser libertariamente

autodeterminada pela livre vontade para ser arbitrariamente pré-determinada pelo poder dominante. Dominar o sentido das coisas não é deter o poder sobre seus signos, é deter o poder sobre o todo o processo de significação e co-significação, é deter o fluxo de tudo que circula pela rede e que confere sentido à existência como fenômeno de manifestação da livre vontade. Controlar o nexos, é controlar a rede, é perverter esse nexos de relações voluntárias para o poder, é ato de violação que gera o *cratos* e alimenta a *egrégora* que compõe o inconsciente coletivo dos alienados e que os instiga a entregar a sua alma, alienando sua força de vontade para dar corpo funcional a esse monstro.

Egrégoras são corporações que se sustentam e alimentam do pacto de

servidão entre as pessoas naturais, onde os líderes destes culto demoníacos não raro tem certeza de estar no controle da sua besta, mas a egrégora é um sistema, é um fenômeno que mesmo alma, sem um princípio autogerador, tem força própria derivada das vontades alienadas e se comporta não apenas como organismo, mas como um superego delimitando o sentido da existência de cada um dos seus componentes. É por isso que os sistemas econômicos não são controlados por elites conspiradoras, nem os sistemas políticos pelos déspotas, mas sim pela obediência cega de cada servo e adorador do poder, neste culto fanático não apenas à persona, mas aos signos de poder total. Não importa a posição na ordem, mas a possessão: quanto maior a obsessão compulsiva ao

poder, maior é domínio da mania sobre a livre vontade do alienado. E a racionalização do fanatismo que traveste os cultos de poder da aparência de razão consegue apagar o obvio a idolatria a supremacia.

Se a cultura é a plantação de ideias em crianças para a colheita de adultos doutrinados, as verdades absolutas e a idolatria aos todos poderosos não é implantada apenas por uma educação domesticadora, o culto ao Absoluto está presente como um superego metafísico e subjugador da consciência, mas não sozinho. O culto ao absoluto emana como um desejo sadomasoquista presente no inconsciente coletivo de dominar e ser dominado, de frustrar e ser frustrado, de violar e ser violado, um desejo de poder que emerge tão mais poderoso quanto frustrado é o

indivíduo em dar significado próprio à existência, permanecendo infantilizado e irrealizado na dependência paternalista. A idolatria ao poder total na qualidade de superego produz por condicionamento mestres e amestrados, dominantes e domesticados, senhores e escravos, mas o culto ao absoluto é mais do que este sequestro, é alienação completa daqueles que amam seu amo e podem ser capazes de sacrificar sua própria vida num instante, ou dia a após dia, até a velhice, a egrégora corporificada crendo que nasceram para servir os todos poderosos e morrer pela personificação deles criada a própria imagem e projeção de poder total.

Não é a toa que o mito ‘pop’ contemporâneo seja o zumbi. O mito do zumbi é o grito de alma para um apocalipse

que já aconteceu. E o que ele significa é que há muito tempo não somos senhores de nós mesmos; que há muito tempo cultuamos o demônio disfarçado de Deus, na figura de um superego monopolístico tanto na terra quanto nos céus. O culto ao absoluto é o culto à idolatria ao falso-deus patrono dos todos poderosos e senhores dos pobres coitados escravizados e imolados no milenar holocausto de suor e sangue da guerra e do trabalho nos campos dos dízimos e tributos a supremacia do poder total.

O que há de pior nesta perversão totalitária é que ela se constitui justamente como personificação da rede de relações recíprocas que constituem o princípio solidário do bem comum. Assim o bem comum que nada mais era que o bem de cada um, indissociável uns dos outros, passa

a ser o bem de um todo poder, dado em favor a um terceiro representante da união de todos. É assim que a rede reduzida à entidade física ou metafísica una e não mais como fenômeno solidário, mas como ego absoluto projeta a vontade de poder total contra as liberdades individuais comuns. É plantando a discórdia e segregação entre os indivíduos naturais que se colher a alienação dos unidos para a adoração a representação artificial da sua totalidade pela união. É assim, quebrando a unidade direta da rede pela intermediação dos signos de poder que se centraliza os meios e se estabelece o culto aos ídolos e suas potencias totalitárias. É assim que se perverte a liberdade natural através da máquina estatal e se reduz o princípio criador da liberdade impossível de ser contido e compreendido por egos em

mera representação deste culto supremacista ao poder absoluto.

A falsa deidade de poder supremo, não é apenas a própria encarnação da intolerância, ódio a toda a diferença ou diversidade cognoscível e existencial, é a negação de toda alternativa possível que esteja predeterminado, é a própria personificação do arcaico, do status quo, da negação do novo, do uno, e do ódio aos outros mundos possíveis, a negação da diversidade, multiplicidade e de qualquer existência livre ou autônoma, a negação do sagrado princípio da livre vontade, e a perversão da liberdade não apenas como uma realidade, mas como um princípio da bondade e moralidade e até como possibilidade a fé e cognição.

É a inversão monstruosa dos valores morais, que prega que os soldados fanáticos a serviço dos poderes totalitários, os autômatos capazes de obedecer ordens sem usar sua própria consciência e livre vontade são as pessoas corretas e boas, enquanto os pensadores livres e pessoas independentes são os irresponsáveis e maus. Essa ideologia milenar é a negação não apenas da possibilidade de tomada de decisões humanas, ou definição de sentido destino própria a existência humana, mas a negação de qualquer sentido a tudo no universo que não esteja predeterminado, isto é a negação de qualquer sentido que possa concorrer ao autocraticamente determinado como verdadeiro. A negação dogmática, religiosa ou científica do libertarismo como princípio válido não apenas para as relações humanas,

mas ao próprio universo como uma rede que admite a livre vontade e a criação como logos. O amaldiçoamento do próprio princípio criativo e criação em favor do poder.

Negar o dogma do poder total e do culto ao absoluto, não quer dizer que eu esteja afirmado que deus não exista, mas pelo contrário que deus existe justamente como o princípio criador da multiversidade que não pode ser reduzido ao tempo e espaço unos ou aos entes e egos absolutos; é o princípio a vontade pura transcendente e imanente que não pode ser compreendido por nenhuma qualidade verbo, substancia ou potencia, mesmo que onisciente, onipresente, onipotente. Nada, nem mesmo o Todo, o Eterno, a consciência absoluta pode compreender ou apreender o sentido

da existência como princípio criador do próprio sentido existencial como liberdade para manifestar pela livre vontade essa existência que, portanto é a todo tempo criação. Deus é ao mesmo tempo e fora e dentro do tempo princípio criador e criação, a *arché* e o *logos*, e o *nexo*, Deus é Liberdade.

Deus é a Liberdade imanente e transcende percebida como imagem e semelhança a toda livre vontade, sem ser passível de ser detido, compreendido ou reduzido por *nexo* ou *signo*, ele não é ego nem fenômeno, deus é a *arché*, a *liber* da vontade pura; manifesto na ordem natural libertária o *logos* da rede de nexos existenciais que não pode ser reduzida a nenhuma projeção de poder absoluto ou supremo; nem sua manifestação imanente como *logos* nem transcendente

como *arché* podem expressar a perfeição da *liber* criadora, nenhuma egrégora tem como incorporá-la; “Ele” não é ele; não é corpo é força fundamental criadora e transcendente a toda materialidade e inerente a fenômeno e espírito libertário perceptível apenas em suas consequências a evolução auto-organizada e espontânea da diversidade existencial, nos movimentos naturais da vida, independência e emancipação.

A projeção de poderes ou verdades absolutas leva a incompreensão de que o princípio criativo não introduz o acaso, mas a própria ordem libertária; gera o fenômeno da autonomia enquanto a própria manifestação sensível do sentido existencial. Pois aquilo que não se manifesta como distinto do todo ou do meio não existente como unidade independente, é ainda parte

de um todo uno, e onde o todo é um absoluto o nada reina. A existência se funda pela delimitação conexa entre os entes, o eu e o outro, e sua relação em rede compondo a noção não apenas do eu por negação do mundo ou do outro, mas pela interação afirmativa-negativa com o outro mediada pelo mundo.

O universo não é governado por leis predeterminadas nem previsíveis, mas compreensível na medida da percepção da integração complexa dos nexos difusos entre forças de vontade, entendidas ora como entes ora como fenômenos. São os modelos deterministas e arbitrários de conhecimento, que quando incapazes de apreender a ordem imponderável e indeterminista da criação que atribuem autoritariamente inexistência, falsidade e

acaso a todo e qualquer nexos que não se enquadre em suas estruturas delimitadas. O acaso não é uma realidade, mas uma ideia, produto do absolutismo cognitivo que atribui ausência de sentido a todo percepto que não possua signos predeterminados; seja negando a possibilidade de existência de sentido onde não haja signos previstos, ou ainda totalizando a própria relatividade, afirmando enfim sempre a impossibilidade de validade de qualquer outro sistema senão o daquele que senão único, superior.

É um tanto quanto óbvio que não se chega a lugar nenhum com este tipo de pensamento. Simplesmente porque não se acredita que exista nada além dele. Não há novos caminhos a serem abertos. Assim colocar sinais apontando aleatoriamente para algum lugar conhecido é tão arbitrário, quanto

supor que dos sinais conhecidos não vai se chegar a lugar nenhum. Cada novo caminho é justamente a construção de um nexos, um significado onde se antes se percebia apenas vazio ou acaso; isto é tanto um processo de descoberta quanto um processo de criação, determinado não por signos absolutos de seu criador, mas pelos signos compartilhados, as conexões. Sempre num primeiro momento, e esse primeiro momento é eternamente renovado a cada nova livre escolha, o conhecimento se produz quando caminhos predeterminados que nos levam aos mesmos lugares são abandonados e novas ligações são estabelecidas levando não apenas a lugares desconhecidos, mas formando novos lugares interligados. Não existe acaso, o que existe é ignorância racionalizada pelo poder

arbitrário. O sentido e a ordem que faltam a vida derivam não da ordem libertária do universo, mas da redução do universo ao limite da compreensão, impedindo que emergjam entendimentos capazes não só capazes de dar sentido a vida, mas de prover as condições necessárias para que o indivíduo exerça a sua livre vontade de modo que a sua existência possa tomar sentido próprio não apenas cognitivo, mas material.

Uma renda básica é uma provisão social que não dialoga apenas como princípios meramente políticos ou econômicos, mas com princípios libertários no sentido moral do libertarismo como a fé ou filosofia que se predispõe a entender o sentido da existência como livre vontade. Assim sem medo de cruzar as fronteiras politico-epistemológicas

da ciência e religião, refletindo livremente não apenas sobre a existência, mas sobre a criação, seu princípio, sua lógica, seu sentido; meditando sobre a própria existência, testemunho em favor da liberdade incondicional e inalienável de consciência e dos conscientes. Testemunho em defesa do direito a soberania de toda pessoa de paz não apenas de gerir seus recursos matérias particulares e comuns em livre associação, mas seus valores imateriais livre de cultos, ditaduras culturais sociais, ou do saber, livre das concepções. Testemunho em favor do direito sagrado das pessoas e povos de paz viverem em paz; em defesa do estado de direito e garantia dos meios vitais para a autodeterminação de todos os povos e pessoas naturais.

Liberto do medo e dos encadeamentos dos lugares comuns e preconceitos, de olhos abertos, reconheço a Liberdade como o próprio princípio sagrado gerador de todas as coisas, como Deus, não o Deus dos poderes supremos e absolutos o deus escravagista dos todos poderosos, mas o deus das pessoas livres e escravizadas, a força criadora e criativa, a *Liber* libertadora dos povos e pessoas. Reconheço a renda básica como o dizimo da liberdade, o compromisso consciente com a profissão da minha fé libertária, e não a entrego para corporações privadas nem estatais, mas de pessoas para pessoas. Professo a prática da renda básica como o testemunho da minha fé e vida não apenas no deus da liberdade e libertação, mas onde nas criaturas onde ele de fato se manifesta, testemunha minha

olhando para a liberdade dos seres humanos em sua alma humana criada a sua imagem e semelhança da ordem libertária: capaz de se auto-organizar, evoluir e emancipar livre e criativamente pelo princípio transcendental criador: a Sagrada Liberdade.

Os princípios sobre o qual ergo minha fé libertária não são, portanto meros postulados ou dogmas, mas objetos da mesma razão pela qual creio que Deus como Liberdade, e se coloco a não-agressão e o respeito a liberdade individual como princípios, o faço não como objetos de crença cega, pela assunção ou negação, mas pelo contrário, as razões da minha fé libertária não são produto de profundo e radical questionamento dos pensamentos alheios, mas dos pensamentos enquanto minhas próprias reflexões. A fé libertária não

é fanática é um estado de consciência produto da autocritica aberta não apenas a critica, mas pelo mesmo princípio a possibilidade de compreensão das contrariedades e contradições de diversos pensamentos. Capacidade de livre pensamento e coexistência que não diminui em nada a fé nos princípios libertários, apenas aumenta ainda mais o sentimento de confiança nas suas razões. Estado de espírito que faz da libertação não apenas uma causa, mas uma profissão de fé na Liberdade como princípio universal e sagrado.

Não, não me arrependo de ter dedicado mais do que dinheiro, ter dedicado meu tempo livre ao sonho da renda básica incondicional em uma pequena comunidade. Porque minha causa não é materialista; não

é idealista, nem irrealista; é contra-realista, contra-pragmática, contra-positivista, contra-relativista; minha causa é princípio e sentido libertário de transcendência das concepções e predeterminações pela liberdade de pensamento e comunhão de paz.

Dedico-me a realizar não só o que ainda não existe, mas aquilo que os doutos e poderosos juram e professam que não poderá jamais existir. Dedico-me a realização de nada menos do que a liberdade; o que não é nenhuma novidade, ao menos, não para quem respira fora das bolhas de desinformação e submersão do poder. Luto por aquilo que tantas outras pessoas que lutam pela subsistência lutam, pela vida. E assim como a sobrevivência delas contra todas as privações impossibilidades revelou,

minha vida também é testemunho que toda forma de existência é um fenômeno de materialização da força da livre vontade contra as ordens do impossível.

E mesmo quando as formas de vida são ceifadas, amputadas, desfiguradas na sua luta contras as predeterminações e impossibilidades o simples fato da sua emergência, ainda que condenada e efêmera, é a realização plena da liberdade da vida contra os estado de privação e negação da concepção, é a própria emergência do fenômeno da existência não apenas como atualidade, mas transcendental a materialidade do tempo e espaço. A eternidade não existe para todos os que morrem, mas para aqueles que transcendem as projeções do que deveria ser seu tempo lugar e destino, aqueles que

se libertaram das possessões compulsivas por poder, saber, valor e realidade única.

Mais do que um significado ou sentido a vida, a consciência libertária preenche minha alma de um sentimento que só quem já experimentou a revelação da solidariedade libertária conhece. Pobre não é quem morre ou é morto, pobre é quem vive uma vida inteira sem jamais conhecer esse estado de espírito, esse sentimento profundo de ligação com o nexo da existência, este sentimento de religação com cada ente, religação com o princípio e o sentido da criação que nunca tem fim. Pobre de quem nunca for capaz de abrir os sentidos para a consciência da *Liber* da vida.

No lugar do animalismo político aristotélico e do canibalismo predatório hobbesiano, do apocalipse eugenista malthusiano-darwinista

há mais mistérios, muitos mais mistérios do que podem encerrar nossas vãs concepções e suas ordens idolatras ao poder da realidade una e absoluta. O sentido cosmopolita a ordem libertária, a natureza a diversidade a humanidade sempre renascem porque o princípio criador não é segregacionista nem supremacista, mas é força de vontade pura e não de poder, é Liberdade. A privação da livre vontade não é uma questão de sorte ou destino, mas uma questão libertária e que demandam nada menos que abolição. A Liber, o princípio e o sentido sagrado da criação, Deus, o nome do nexo da existência é a Liberdade; e a ordem da criação não é nada menos que a libertação de todas as criaturas e espíritos livres.

A liberdade não é feita por liberais nem socialistas, mas libertários. Não é produto de concessões e conquistadores, mas da resistência as pregações de ódio guerra e discórdia entre os povos classes e gêneros. É a quebra do paradigma do poder, e apartheids entre povos e pessoas é a negação dos valores pré-determinados para o mundo, a negação de Deus como senhor de escravos e da vida como maldição de trabalhos forçados em favor dos todos poderosos e senhores da guerra. É a sacralização da liberdade e a universalização da humanidade. Desculturalização para a Cosmopolitização.

O poder embora não seja um princípio criador como a liberdade, mas uma perversão não deixa de ser uma força não material, não é um princípio, mas uma

superestrutura, um inconsciente coletivo, que toma a figura de um superego, e que como um demônio habita a mente de cada pessoa. Não se engane os donos do mundo são os mesmos há milênios; e não são os senhores da guerra e das armas, ou os sumo-sacerdotes dos cultos ao poder total e da idolatria dos valores absolutos e do ego da intolerância e violência. Os donos do mundo são os próprios demônios que criamos e a ele nos egregamos alienadamente nossos mitos e cultos corporificados, nossas colmeias nossas colônias que nos leva a se comportar como membros funcionais de sistema, máquinas, autômatos, células e não pessoas. O dono do mundo é esse *daemon* essa egrégora, falso-deus, que toma corpo como reino, realidade e estado e que há milênios servimos cegamente e que habita

não o corpo e a mente do outro, nem a nossa, mas todas em nossas relações inconscientes, ao mesmo servis e autoritárias.

A liberdade é neste sentido a força criadora transcendental, a *Liber* ou vontade pura capaz tanto de causar as transformações atualmente impossíveis do mundo quanto criar novos mundos alternativos. O princípio capaz de harmonizar em si a sua própria contrariedade, e a contrariedade de toda diversidade, o princípio não causado e delimitado pelos seres e seus meio, mas o princípio originador e criador de todos os meios e seres com entes dotados exatamente da mesma capacidade libertária, criar.

O problema da liberdade, do mínimo vital, ou melhor, do absolutamente vital, é que

como o ar ou o sol só nos damos conta do quanto esses “mínimos” são essenciais, na sua privação. Direitos negativos ou mesmo os positivos de papel servem literalmente para embrulhar as a razão das pessoas privadas de suas liberdades mais fundamentais. E pior do que a prisão ou a morte, ou a é o medo da não-liberdade e da não-vida, da perda de algo que nunca se conhecerá, o medo da perda da própria liberdade de vivenciar a vida como significação e sentimento, a perda do incognoscível, a *liber* do conhecimento.

A paz depende do desenvolvimento dos povos tanto quanto da sua emancipação garantidas não pelas armas, ou meramente pela negação de ir a elas, mas sim pela restituição da soberania sobre as liberdades fundamentais, o controle da vida e meios

vitais em comunhão de paz. A paz depende da assunção dos verdadeiros dízimos, as rendas básicas libertárias.

Lições da Renda Básica em Quatinga Velho

Renda básica é o reconhecimento de que todos somos filhos de deus, a negação dos povos escolhidos e das classes abençoadas, que podem comer livremente os frutos proibidos aos demais da terra, os amaldiçoados que só comem pagando o dízimo, o tributo ao poder total e aos todos poderosos como o sangue e o suor do seu rosto, num território que nunca é completamente paraíso, nem depois da sua morte, mas só depois do juízo final. Renda Básica não é um projeto comunista é um projeto de libertação, no sentido mais profundo da palavra, daqueles libertadores

que apontam para os lírios do campo e aclamam os últimos como os primeiros, a negação das babilônias, das pirâmides, dos poderes e poderosos mumificados.

O deus e o estado dos distopianos não é a Liberdade, mas o ‘poder total personificado’ como ‘ente absoluto’ que, tudo vê, sabe, pode e que deve ser servido e obedecido pelos fieis distopianos como os escravos obedecem ao senhor. Essa, o mito do deus como senhor de escravos é a essência de toda a cultura distópica, tanto a base da religião que cultua os todos poderosos quanto do culto às corporações e idolatria ao poder total de suas ilhas. Embora cada ilha tenha o seu próprio deus, seus donos da terra, todos creem na supremacia do seu culto chamado cultura e do seu poder

central e não apenas como fé, mas como verdade.

Em distopia o maior poder, o mais sagrado dos princípios não é a liberdade, mas o poder representado por corporação monopolista, como poder total sobre o território e os habitantes que não são as considerados como deidades, mas idólatras e servem como o fossem, tendo o culto dominante poder de julgamento sobre a vida dos cidadãos que se comportam como se fossem membros não de uma sociedade, mas de uma entidade aos quais devem defender com a própria vida se recrutados.

O deus dos conquistadores não vem para libertar, mas para impor a servidão ao senhores da terra do céu do pensamento. O poder não distribuído necessário para quem precisa, ele cobra tributo e dízimos, trabalho

e obediência e política e servidão. O poder não é uma associação a serviço das pessoas naturais, é uma corporação pondo as pessoas naturais sob o dever político, religioso ou econômico das jurídicas.

Isto não é uma mera crença, é minha fé, o princípio da minha criação, meu Deus, não é senhor é a Liberdade. Minha alma não é de pessoa obediente nem desobediente, não é de escravo, nem de senhor. Minha alma é simplesmente livre.

Acredito que toda pessoa é capaz de negociar pacificamente seus interesses, toda pessoa ou associação, que não seja uma agressora ou privadora dos direitos particulares e comuns dos demais, não pode ter seu direito à comunhão com as demais pessoas e à própria natureza privada por absolutamente nenhuma outra pessoa.

Acredito até mesmo em autoridade desde que ela e não a liberdade termine onde começa a do outro. As liberdades onde há equilíbrio de poderes não entre instituições, mas entre pessoas se multiplica na razão da relação pacífica e voluntária entre cada pessoa. E a assimetria de autoridade consentida ou natural deve nascer e morrer no exato instante na manifestação pacífica da emancipação. A tirania nasce da negação da independência pela força, a perpetuação de um estado de tutela.

Todo ser inteligente, o suficiente para estabelecer contratos sociais de não-agressão e ou de proteção mútua contra a violência e privação, tem o direito sagrado e inalienável de pacificamente se governar porque de fato e naturalmente já o faz. Esta é a minha fé libertária, Liberdade em

Comunhão. E é nesta fé que reconheço a necessidade de uma renda básica não apenas para mim, mas para cada pessoa com a qual compreendo e compartilho o mundo. Liberdade é a fenômeno de desenvolvimento da significação intrínseca e relacional das entidades ou sua progressiva tomada de consciência em comunhão, o próprio desenvolvimento e evolução da vida. A liberdade é Sagrada, por isso, governe-se.

Bibliografia

- . *Brancaglione, Marcus. A Liberdade é Sagrada. Princípios e Revelações. São Paulo. Clube de autores, 2014.*

.